

Suplemento Cultural

Bovinocultura – Patrimônio Cultural de MS; Humberto Espíndola, sacerdote do boi

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Foi pensando nas emoções de Henry Miller – que escreveu texto memorável sobre Matisse, depois de atingido pela força criativa dos quadros do pintor – que me arrisquei a falar sobre Humberto Espíndola, ao penetrar no reino mágico da bovinocultura.

No centro da América do Sul está Humberto Espíndola, sacerdote do boi. Seu espírito inquieto povoou as cavernas da Babilônia, percorreu o Vale dos Reis, venerou o boi Apis, contemplou a solidão de Macondo, viu o rio Paraguai incendiar-se de sol e sangue.

No topo do Brasil, assistindo ao lento despedaçamento de cada fragmento de vida, o olhar penetrante recuperou, através do pincel, a história das partículas de carne e sonho, que recusam a destruição pela morte.

Espíndola é o excesso, o paradoxo, a ambivalência. Só lhe cabem adjetivos no superlativo, comparação com forças explosivas da natureza: vulcão, enchente, trovão, abalo sísmico. É o ser não sendo, o nada que é tudo, descida aos infernos, delírios de paraíso. Percorrer seus quadros é caminhar por labirintos, em direção ao reino do imaginário, onde corredores de espelho multiplicam, superam e aperfeiçoam o horror da vida humana.

Como cristal que dá nova dimensão aos objetos, Espíndola, à maneira de Fellini, faz sempre o mesmo filme, repinta os quadros anteriores, que serão pelos séculos a fora o mesmo quadro: bovinocultura.

Há de tudo em sua obra: o bem e o mal, Deus e o demônio, o real e o fantástico, ligados pela imagina-

ção e difíceis de serem separados.

Utilizando o boi como metáfora, escreveu a fábula da vida sul-mato-grossense com grande economia de signos, de que resultou um discurso que permite a inserção de quem olha como sujeito, enquanto portador de uma história individual e coletiva.

Diante dos quadros de Espíndola, estabelece-se empatia entre o código do autor e o do espectador, que, atraído pela força da imagem, pela envolvimento da cor, torna-se parte dela como colaborador.

No sentido freudiano, cada elemento das obras de Espíndola é sobreterminado, apreendido numa teia, inscrito num sistema de signos que se interpenetram, completam-se.

O fazer artístico é batalha das mais árduas entre o autor e a matéria da criação. Espíndola questiona até mesmo os limites da tela, da moldura, a qualidade das tintas na procura da expressividade da obra e não mais eventual relacionamento com o referente. A pintura torna-se reflexiva, metalinguística. O artista toma consciência de cada fase do fazer criador, desce à essência da obra, para descobrir tesouros submersos nas linhas que se pretendem: boi, nuvem, pasto, amplidão. Antes, durante e depois, Espíndola passa em revista todos os elementos que se juntaram para a composição do quadro, de tal forma que a tela passa a ser o lugar onde fluem novos textos, um discurso gerando seu próprio discurso “um simulacro entre o mundo e a linguagem”, no dizer de Julia Kristeva.

Identificando-se como sacerdote do



OBRA DE HUMBERTO ESPÍNDOLA – exposta no acervo do MASP

“

Trabalho como quem medita, em ritmo de câmera lenta, como se me preparasse para uma viagem em que só houvesse preocupação com o caminhar, com a apreensão do mundo e seus mistérios”

Humberto Espíndola

boi, Espíndola elabora pausadamente cada fase desse ritual que começa pelo introito e vai até a ação de graças, quando o quadro é terminado e cessa a alegria de criar.

“Trabalho como quem medita, em ritmo de câmera lenta, como se me preparasse para uma viagem em que só houvesse preocupação com o caminhar, com a apreensão do mundo e seus mistérios.”

A preparação do quadro ferve demoradamente, germina devagar, o universo fica recoberto de névoa, até ser desvendado linha por linha, gesto por

gesto, ficção por ficção até o esplendor final. Pintar, me diz ele, é um ato teatral: “Antes de criar, sinto-me como se estivesse me preparando para uma representação. Tenho que me sentir leve, em estado de graça, para começar essa luta com a imagem, diante da qual me esqueço de tudo, num estado que me leva ao êxtase, como se fosse um médium tomado por algum espírito. A pintura me renova, dissolve meus aborrecimentos, deixa-me feliz. Pintar é meu modo de expressar o mundo, de situar-me nele com a esperteza necessária de quem não quer perder a vida, a juventude, as lutas”.

A arte de Humberto Espíndola está ligada ao momento histórico como resultado da identificação com o Estado em que nasceu e no qual decidiu viver. Primeiro artista a refletir sobre Mato Grosso do Sul e a projetá-lo no cenário internacional das artes plásticas, ele está presente em todos os acontecimentos importantes do Estado como agente de mudança, estimulador de novos talentos.

Sua obra é a mais perfeita contextualização dos símbolos que marcam a trajetória do homem sul-mato-grossense e universal.

A obra de Espíndola permanece em contínuo processo.

Surpreende, inquieta, supera-se a cada instante.

A inesquecível visita ao Engenho de Zé Lins

RUBENIO MARCELO – membro e secretário-geral da ASL

Nesta quinta-feira p.p, por ocasião do evento ‘Chá Acadêmico’ da nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, pudemos assistir a uma interessante palestra ministrada pelo escritor/acadêmico Hermano de Melo, que tratou do seguinte tema: “O regionalismo de José Lins do Rego”. Titular da cadeira nº 14 da ASL e residente em Campo Grande, Hermano – nascido no estado da Paraíba, que também foi o berço natal de Zé Lins – teceu relevantes detalhes acerca da obra do eterno “Menino do Engenho”.

Em face da pauta supracitada, não tive como não lembrar de uma visita que fiz – em janeiro de 2010 (juntamente com o poeta Fernando Cunha Lima) – àquela região, a convite oficial do então secretário adjunto de Cultura de Itabaiana: cidade paraibana situada a 70 km de João Pessoa e que doou [ao mundo das artes] filhos brilhantes, como o poeta popular Zé da Luz (1904 - 1965), o músico Sivuca (1930 - 2006) e o escritor Reginaldo Alves de Araújo (atual presidente da ASL).

Vizinhandando Itabaiana, com cerca de 11.500 habitantes, viceja a pacata Pilar, terra do romancista José Lins do Rego (1901 - 1957), ícone fecundo da literatura regionalista do nosso país. O seu livro pioneiro, *Menino de Engenho* (publicado em 1932), já demonstrava o grande talento do autor. A esta

obra de sucesso seguiram-se outros destacados livros de Zé Lins, como: “Doidinho” (1933), “Bangue” (1934), “O Moleque Ricardo” (1935), “Usina” (1936), “Pureza” (1937), “Pedra Bonita” (1938), “Riacho Doce” (1939), “Fogo Morto” (1943), “Eurídice” (1947); “Cangaceiros” (1953), e “Meus Verdes Anos” (1956), ano em que foi empossado na Academia Brasileira de Letras.

Mas voltando aos aspectos da visita, o nosso *Dia Cultural* teve início cedinho, quando fomos recepcionados por autoridades locais, com expressivo calor fraterno, no “Sivuca Cultural Café” (Praça Epitácio Pessoa, Centro, Itabaiana). Lá, tudo já estava diligentemente preparado, inclusive exposições de obras. Assim, permutamos informações com os presentes e recebemos vários materiais de artistas do município, ao tempo em que apresentamos a nossa obra autoral. Após isto, estivemos em vários pontos turísticos itabaianenses.

Já por volta das 13h, dirigimo-nos – em caravana cultural – para a [vizinha] cidade de Pilar, onde fomos recebidos pelo secretário executivo da Cultura e pela presidente da *Fundação Menino de Engenho*, que nos acompanharam (sempre detalhando informações valiosas) em pontos turísticos e culturais do município.

Na *Terra de Zé Lins*, visitamos – conforme programação preestabelecida – a *Fundação Menino de Engenho* [um casarão reformado,

de dois andares, que foi a antiga Cadeia e Casa de Câmara de Pilar – local este onde, no ano de 1859, o Imperador D. Pedro II concedeu beija-mão (comenda tradicional da época) à sociedade paraibana]. Estivemos na *Praça José Lins do Rego*, conhecendo o seu Busto – que foi inaugurado em 1951, pelo próprio Zé Lins (acompanhado de Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre e outros. Este monumento foi reinaugurado em 2001, nas comemorações do Centenário de Nascimento do escritor, com as presenças das suas três filhas: Maria Elisabeth, Maria da Glória e Maria Christina). Conhecemos, também de perto, a ‘*casa da Tia Naninha*’ – onde Zé Lins viveu parte de sua infância (esta casa é citada pelo autor no seu livro “Meus Verdes Anos”. Tia Naninha foi considerada a sua ‘segunda mãe’, vez que ele logo ficou órfão de mãe). E, finalmente, fomos ao emblemático *Engenho Corredor* – onde nasceu José Lins do Rego e que a ele serviu de inspiração para vários livros – e ali visitamos a famosa Casa-Grande, uma típica construção da época (séc. XIX), com suas pilastras e alpendres e cômodos transbordantes de magia e reminiscências. Registramos tudo (em lentes objetivas e fibras da memória).

Somente à noitinha deixamos as dependências do *Engenho de Zé Lins* e retornamos à capital João Pessoa, matutando envolto nas imagens e estusias divinas daquela significativa e inesquecível visita.

COISAS DO PASSADO

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Idos de 1958. Procedente de Porto Alegre, eu estava chegando em Campo Grande, com intenção de ficar.

Meu pai, já idoso e viúvo, estava morando, meio de favor, numa chacinha de propriedade do senhor Elias Bechoate, nas proximidades do, hoje, Lago do Amor.

Eu me desligara do sacerdócio, vinculado à paróquia Nossa Senhora de Fátima, no Bairro do IAPI, na Capital gaúcha, sendo também pregador de retiros, novenas, tríduos, no estado e fora dele.

Não tinha dinheiro, não tinha nada, só trazia os cursos de filosofia, teologia e letras clássicas. Minha bagagem, portanto, era pequena.

Precisava trabalhar, para me manter. Naquele tempo, os padres, quando saíam, saíam mais ou menos como vieram ao mundo! Não como agora, já com apartamento, carro e mulher. Nem imaginavam que pudessem talvez entrar na Justiça do Trabalho pedindo direitos trabalhistas.

E tem mais: as comunidades religiosas rezavam para que o “excommunicatus vitandus” – excomungado que deve ser evitado – não fosse causa de flagelos e abandonasse a cidade!

Muitas vezes, faziam pressões para que o chegado não conseguisse emprego e se estabelecesse. Hoje, “Deo Gratias”, a mentalidade evoluiu, a cultura suplantou preconceitos e os resquícios daquele passado não existem mais.

Mas como ia dizendo, eu necessitava urgentemente arranjar um emprego para poder me sustentar e a meu velho pai, já adoentado.

Certo dia, descendo para o centro da cidade, um alemão, num “Forde-Bigode”, me deu carona, era na saída para São Paulo, onde agora é a Avenida Costa e Silva, terras de Lídia Bais.

Chamava-se Christoph (Cristóvão) o alemão e parece que foi com a minha cara, pois ele classificava os filhos do Rio Grande do Sul em três classes: rio-grandenses (os melhores), depois, gaúchos e, por fim, os guascas. Ele disse que eu era rio-grandense!

Pois bem. Quando percebeu a minha “penúria”, me levou ao Colégio Osvaldo Cruz e “tramou” alemão com o Diretor, Professor Carlos Henrique Schrader.

Aí, eu me apresentei. O Diretor, muito simpático, não tinha uma colocação para mim, pois era final de fevereiro e as aulas começariam em março, estando já o quadro completo. Mas tomou nota de meu nome e endereço.

Preparava-me para sair, entre esperança e frustrado, quando vai entrando um senhor de certa idade, moreno, com óculos de muitos graus, vestido com simplicidade. Pensei que iria pedir emprego.

Foi apresentado pelo Diretor, como Dr. Luiz Alexandre de Oliveira, advogado e proprietário do Colégio. Claro que fiquei admirado!

Olhou-me de cima para baixo e de baixo para cima e me perguntou o que eu queria. Falei-lhe que procurava trabalho. O Diretor explicou que ficara com o meu nome.

Então, o Dr. Luiz Alexandre disse: “Se o moço precisa trabalhar e não há vaga para lecionar, há uma vaga para servente: abrir e varrer as salas de aula, servir o cafezinho e até dar o sinal para as aulas!”

Surpreso e meio confuso, não sabia se era sério ou brincadeira. Mas, pelo modo como me fora dito, parecia uma proposta para valer.

Ora, o alemão Cristóvão me classificara entre os melhores rio-grandenses e eu estava na pior.

O Professor Carlos Henrique Schrader pigarreou, meio constrangido. Então eu respondi: – Aceito o trabalho. Quando poderei começar?

– Amanhã, respondeu o Dr. Luiz Alexandre.

Foi assim que, em 1958, entrei no Colégio Osvaldo Cruz, de tamanhas e gratas recordações. Onde desfrutei de tantas e inesquecíveis amizades com professores, funcionários e alunos.

Se escrevo isto agora, é uma homenagem ao grande mineiro que se foi, mas que ficará para sempre na memória e no coração de quantos o conheceram.

POESIAS

AMOR DE OUTONO

Oh Lua, inspiradora e majestosa!
Que nos meus olhos brilha a todo instante,
Do céu me traz o Outono deslumbrante,
Estação d’alma pura e graciosa.

E quando te ama o Sol total, radiante,
Rolando em nuvens versos, pele e prosa,
Ressurges com esplendor, feliz e airosa,
Deixando que o Verão se vá cessante...

E ao longe o Inverno, ávido, te acena,
Com chocolate e rosas de Outono,
Pra te tornar a noite fria, amena.

Se no Equinócio o Sol cruza o Equador,
Te imploro, Lua [por não ser teu dono]:
Vem e me equinócia, Deusa, puro amor.

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

PAPAIZINHO

Quando eu nasci, Papaizinho
Quase chorou de contente
E, abraçando os presentes,
Foi dizendo: “Já sou pai!”.

Mamãe, “tadinha”! Deitada,
Tinha os olhos marejados
De tanta dor e alegria...
Olhava pra todos os lados;
Não sabia se chorava,
Não sabia se sorria.

Assim contou-me a vovó,
Dizendo que ela só
Resistiu com galhardia
Aquele grande ventura
De ver nosso lar completo
Na glória daquele dia!

JÚLIO ALFREDO GUIMARÃES